

Stéfano dos Anjos, do Piauí ao Maranhão, da pobreza ao reino ditoso.

Pekelman Halo*

pekelman@bol.com.br

SUMÁRIO: Introdução; 1. *Stéfano dos Anjos*, de anjo a herói: uma construção; 2. A pobreza no Piauí: do conflito à conversão; 3. Reelaborações do simbólico: o sentido do *servir*; 4. Os templos, os feitos, marcas do novo *status* do “crente” maranhense; 5. Guajajaras e Canelas: o proselitismo entre os nativos; 6. Morte consagradora: ‘providência divina’ ou o fim de um projeto?; Referências.

Introdução

Este artigo¹ foi escrito em janeiro de 2006 (um mês antes das solenidades que marcariam os 10 anos da morte do Pastor Estêvam em toda mídia evangélica do país, especialmente das Assembléias de Deus) com intuito de ser, mas não foi, um capítulo da minha monografia de conclusão de curso. Esta chamou-se *As primeiras décadas do pentecostalismo assembleiano em São Luis (1921 a 1957)* apresentada em maio desse mesmo ano ao Departamento de História da Universidade Federal do Maranhão (SILVA, 2006). Ela não incluiu o capítulo apenas por questão de espaço. Mas agora tenho a oportunidade de apresentá-lo com alguns ajustes.

Muito do que aqui se expõe também foi fruto da pesquisa do Grupo de Pesquisa Religiões e Religiosidades realizada entre 1999 e 2001, com bolsa do PIBIC / CNPq, orientado pelo Prof. Dr. Lyndon de Araújo Santos, conforme este mesmo indica na nota n^o.1 encontrada em SANTOS (2004.b, pág. 200). Já em 2004, em sua tese de doutorado, o Prof. Lyndon Santos, ao falar das Assembléias de Deus no Maranhão já nos dá alguns apontamentos. Sobre o pastor Estêvam diz apenas que o período de 1957 a 1996 foi “a fase do pastor Estêvam Ângelo de Souza, quando as Assembléias de Deus cresceram e formaram a maior denominação no estado” (SANTOS, 2004.a, págs. 54 e 63), e ainda, que sua liderança abriu um novo período para aquela igreja. Provavelmente ele seja o primeiro historiador a considerar a história das Assembléias de Deus no Maranhão a partir da academia.

Em um artigo anterior à tese, publicado em 2003 pela Paulinas Editora, o Prof. Lyndon Santos já advertia que o pentecostalismo no Maranhão apresentou

peculiaridades que devem ser postas em realce e que têm relevância histórica e social. A começar pela liderança carismática e centralizadora do pastor Estêvam Ângelo de Souza que, em 38 anos (de 1958 a 1996), presidiu de maneira bem personalista a Convenção das Assembléias de Deus no estado, sobrevivendo às mudanças profundas por que passou a sociedade brasileira neste período... Estudar a biografia de Estêvam é resgatar a história de uma personagem que influenciou profundamente o pentecostalismo no estado, uma espécie de “negociador” entre as

* Graduado em História pela UFMA e acadêmico de Direito da UNDB.

¹ Este artigo, em seu formato original, foi escrito em janeiro de 2006. Foi porém revisto e ampliado em virtude de sua apresentação no X Simpósio da ABHR – Assis, São Paulo.

esferas do popular e do erudito, do oficial e do não-oficial, do poder e da população, da sociedade política e da sociedade civil, da ortodoxia e da heterodoxia... (SANTOS, 2003, p. 145)

Em vista disso, este texto objetiva tratar de alguns elementos que ajudaram na construção da imagem representativa, simbólica e institucional da memória de um líder religioso do Nordeste brasileiro, o pastor Estêvam Ângelo de Souza, responsável pela primeira grande fase de expansão das igrejas Assembléias de Deus no Estado do Maranhão. Recolhendo dados biográficos, autobiográficos, da literatura eclesiástica, de entrevistas com antigos membros e do próprio arquivo memorial particular pertencente à família do pastor verificou-se que ele fora uma figura ímpar na história dessa igreja e mormente por sua capacidade de articulação com o poder e com a sociedade local.

1. *Stéfano dos Anjos, de anjo a herói: uma construção.*

Vindo de uma vida de pobreza no sertão do Piauí, Estêvam encontra no Maranhão a chance de, através da construção de um “reino”, legar para si e para os “irmãos”, sua comunidade de fiéis, que tratava como família, uma vida mais “ditosa”. Funda instituições, gerencia outras tantas e constrói em torno de si uma autoridade religiosa capaz de influenciar não só a fé de seus comandados mas também a cultura local por via da definição do que ensinava ser o *comportamento do crente*. Com isso foi capaz de conduzir seu povo ao seu modo, ensinando-lhe até mesmo a memória que se deveria ter dele, memória que até hoje sobrevive. Enfim, estudar Estêvam é compreender um pouco da alma nordestina e as conformações do sagrado dessa época.

O pastor considerado, pela literatura e pelos membros antigos da igreja, o maior responsável pela expansão numérica e geográfica dos templos e do proselitismo pentecostal assembleiano no Maranhão é o pastor Estêvam Ângelo de Souza. Mas este só teria percebido os “campos verdejantes” no meio-norte brasileiro por animação do seu antecessor, o pastor Alcebíades Pereira de Vasconcelos, de cujos empreendimentos já se haviam acrescido à fé mais algumas almas. A literatura oficial da igreja, ao falar dos pastores “heróis” na história da Assembléia de Deus no Maranhão, diz que há um destaque maior para o ministério do pastor Estêvam que esteve no comando dessa igreja por mais de 40 anos, período em que organizou a maioria das instituições que a igreja possui hoje e comandou quase todas as construções até 1995 como presidente da Convenção Estadual e também das congregações da capital São Luís.

Uma senhora, antiga convertida à fé pentecostal no Maranhão, que acompanhou intensamente esse pastorado, a irmã Antonia Costa, relata suas lembranças desse período e desse pastor.

... eu assisti a chegada do pastor Estêvam. Toda trajetória do pastor Estêvam aqui eu vi. (...) Na época que teve a Convenção (1953) o Estêvam veio aqui. Nessa época o Pr. já tava até viúvo, porque ele era casado. Essa menina já é a segunda esposa dele. Ele era viúvo nessa época, em 53 e acho que aí já convidaram ele para cá... Eu assisti a primeira pregação dele ali no [bairro] João Paulo, me lembro tão bem. Eu gostei da pregação dele e disse: esse cara é do bom, rapaz, ele pregou até bem né. E aí em 54 ele já foi chamado pra cá pra São Luís. (...) [as congregações] Era uma no João Paulo, era a lá do Centro e parece que uma ali pelo Anil. (...) Esse trabalhou bastante. "... Deixando mais de mil mensagens gravadas". Porque que essas mensagens não... Porque eles não botam de quando em vez uma mensagem dessa? Eu acho assim uma coisa... Sinceramente, aqui eu tenho que fazer uma, um parêntese. Eu acho que o pastor Estêvam devia ser mais lembrado. Tu sabe por que? Eu sei que a gente não busca a glória da terra mas a história não pode se apagar. Né? Eu acho que ele trabalhou bastante, e que ele fazia grandes obras e que essas mensagens dele podem ser de quando em vez, transmitidas como as de J. Verne Madi que é professor em Bíblia né, que é da Igreja Cristã Evangélica, que é da Rádio Transmundial, ele já morreu faz é tempo. E pastor Davi Nunes toda noite passa as mensagens dele. (...) ...onde tem a FATED hoje, né, quase não se fala nela. (...) Estêvam escreveu muito. "Iniciou a construção do Centro Social e convenções com capacidade para 10 mil pessoas sentadas". Rapaz, esse aqui é outra tristeza né. Esse negócio aqui é outra tristeza. Como foi que aquele Centro Social caiu daquele jeito? Rapaz! Faz pena rapaz. A gente que deu e fritou tanta galinha, assou tanta carne. O quê? Rapaz, como é que pode? Eu não sou contra ninguém, mas... Deus abençoe. (SILVA, 2006, c. ANEXO)

O pastor Estêvam foi empossado como co-pastor do pastor Alcebiades para a liderança das Assembléias de Deus de São Luís e de todo o Maranhão, em 4 de janeiro de 1954. Aquele jovem pregador passa a construir-se como um símbolo a ser seguido e legitimar-se como autoridade religiosa inquestionável. O modelo de igreja e os fundamentos que sustentaram seu crescimento e configurações locais fluíam de uma única fonte, concentravam-se na pessoa do líder Estêvam. Não por acaso o enredo que representa a memória desse pastor nos relatos dos antigos membros e nas poucas literaturas saudosistas confessionais tem a mesma estrutura dos enredos ensinados pela igreja que justificaram aos líderes bíblicos a investidura de poderes pessoais de liderança. O conteúdo do opúsculo intitulado "Stéfano dos Anjos, um católico que foi salvo" escrito por esse pastor, uma espécie de autobiografia sua, também é uma auto-afirmação desejada dessa condição.

Stéfano dos Anjos é o nome do personagem de cuja trajetória biográfica narra o opúsculo "Stéfano dos Anjos: um católico que foi salvo", livrete que fora escrito pelo próprio pastor Estêvam para retratar sua conversão ao pentecostalismo assembleiano. O pequeno acervo pessoal e memorial desse pastor, conservado pela sua família hoje em São Luis – MA, alojado nas dependências da viúva daquele pastor, Irmã Gizeuda Souza, ainda conserva um exemplar desse opúsculo. A julgar pelas suas características, conteúdo e também pelo relato dos familiares, acredita-se que esse livrete tivera circulação restrita à membrasia da igreja local. É possível que o pastor tenha distribuído alguns exemplares fora do Estado, devido às suas viagens pelo Brasil afora.

O enredo começa pela *escolha divina*. O escolhido por Deus fora o jovem piauiense Estêvam Ângelo de Souza. A escolha é mediada por um representante da divindade na terra transformado em líder do seu povo – Alcebíades Pereira de Vasconcelos, que conforme relata Emílio Conde, sentiu a necessidade de um pastor auxiliar para o campo de São Luís, “achando graça *na pessoa*” do pastor Estêvam Ângelo do Souza que pastoreava a cidade de Luzilândia no Piauí (CONDE, 2000). Alcebíades recebera uma *revelação*... O próprio Estêvam também recebera tal revelação conforme relata em seus escritos.

Sendo ordem divina ou não, o fato é que desde jovem, Estêvam já vinha se destacando como pregador nos sertões do Piauí, convertendo muitos sertanejos e provocando admiração pelo seu estilo, tanto nas comunidades em que passava como entre os próprios pentecostais e pregadores da região. Tinha a capacidade de dividir a opinião de católicos populares e conquistar a admiração de alguns e a ira de outros. Com o porte firme, uma expressão facial que misturava seriedade e emocionalismo, um tipo de fala e discurso simples de uma certa eloquência leiga de pronúncias cuja sonoridade remetia à uma “música” quase falada em que há ênfases tônicas em quase todas as palavras dando um certo aspecto poético à frase onde a combinação de todos esses aspectos passam para o ouvinte a sensação de carinho, prestígio e dádiva, mesmo que o significado, às vezes, fosse de repreensão.

É difícil descrever o estilo do pregador, um dos motivos de sua atual mitificação. Esse estilo se manteve nas pregações de Estêvam até o fim de sua vida, conforme atestam suas muitas mensagens gravadas em fitas k-7 bem como os relatos dos *fiéis* que vivenciaram essa época. São registros interessantes as mais de mil mensagens gravadas na Rádio FM Esperança e que hoje estão guardadas em fitas k-7 na residência da viúva desse pastor, dona Gizeuda Lima de Souza.

Segundo o pastor-presidente atual da Assembléia de Deus em São Luís, José Guimarães Coutinho, o pastor Estêvam é inesquecível, era um entusiasta, foi o que mais marcou a história do povo pentecostal no Maranhão e “o que mais produziu em favor do Reino de Deus neste Estado” (SILVA, 2001).

2. A pobreza no Piauí: do conflito à conversão

Estêvam Ângelo de Souza era piauiense da localidade de Pedras, município de Araióses, nascido em 02 de agosto de 1922, filho do casal José Romão de Souza e Maria Alves de Souza. Eram pessoas simples e humildes, conforme conta a viúva Gizeuda. Seu pai possuía um cavalo que lhe servia nas viagens e no transporte das coisas das roças que plantava. Viviam da lavoura e criação doméstica de animais.

Segundo nos contou a viúva Gizeuda, desde moço Estêvam já demonstrava a habilidade de construir e reformar objetos usando madeira e metal. “Era um verdadeiro artesão!” Fazia móveis e construía malas de viagem. Até hoje está guardada a mala em que ele trouxe sua bagagem para São Luís. Ele próprio a construiu. É feita de madeira de lei, com dobradiças e fechadura de metal em cuja tampa está esculpido seu nome.

Conforme texto memorial da família, o menino Estêvam cresceu obediente e honesto. “Até aos 21 anos de idade, eu me considerava um moço muito direito”, conta em *Um católico que foi salvo*, opúsculo escrito por ele, assinado com o pseudônimo *Stéfano dos Anjos*, provavelmente no final da década de 80. Garoto do sertão, logo fora absorvido pela cultura do catolicismo popular característico do nordeste brasileiro. O devotismo penitente combinado aos festejos populares era o forte característico da cultura religiosa local. Aquela região ainda não conhecia nenhuma inovação trazida pelos tempos modernos. Era num ambiente de pobreza, de poucos recursos, que a vida se fazia.

Pelo que eu aprendi da única religião que eu conhecia – a católica –, o purgatório, além de desesperadamente quente, era caro e não estava ao alcance de qualquer pobrezinho. Os padres cobravam caro para celebrar missas em sufrágio das almas do purgatório. E quem não tinha dinheiro para pagar missas ‘suficientes’ para tirar a alma do seu parente do purgatório? Era minha preocupação, não tanto por mim, mas especialmente pelos pobres. Eu era pobre, mas era bem jovem, e quem sabe, poderia até tornar-me rico algum dia, morrer em uma **ditosa velhice**² e deixar bastante recurso para os familiares pagar muitas missas em sufrágio da minha alma, inclusive a ‘missa de corpo presente’, que é muito mais cara”.

À vida sofrida do sertão piauiense somou-se o episódio fatídico e traumático para ele: a morte de sua mãe. Maria Alves de Souza deixou órfãos seus seis filhos: Estêvam, Boaventura, Raimundo, Luiz, Joca, Matilde e Totônio. Estêvam estava com apenas 12 anos de idade quando isso aconteceu. Seu pai casou-se novamente com Corina de Oliveira que teve mais seis filhos: Daniel, Elizeu, Bernarda, Francisca, Zenaide e Maria. Órfão de mãe, Estêvam e seus irmãos mais velhos, agora teriam que se virarem sozinhos para ganharem a vida pois seu pai e sua madrasta ocupavam-se em cuidar dos seus novos filhos.

Desde cedo, Estêvam já se preocupava bastante com a morte e o que acontecia após ela. Havia aprendido sobre a existência da alma com o catolicismo. Preocupava-se com a possibilidade de sofrimento eterno de sua alma e da alma de seus entes queridos. A alma de sua mãe era a preocupação do momento.

Ouvi contar que um pobre rapaz perdera sua mãe querida! Veio-lhe a preocupação pelo destino eterno da alma de sua mãe. Foi ao pároco da cidade, que o consolou, dizendo: ‘Sua mãe era muito pobrezinha, sofreu muito neste mundo. Ela está no purgatório’. Mas como é natural, uma pessoa consciente não pode satisfazer-se sabendo que a alma do seu ente querido está no fogo do purgatório. Então o rapazinho fez as suas economias e conseguiu a reserva de um cruzado (moeda extinta). Voltou ao padre e ofereceu-lhe todo o dinheiro que economizara, para que

² Grifo meu. De onde se explica a paráfrase do título, onde combinei uma expectativa religiosa (*reino*) com outra material, terrena (*ditoso*), e, o efeito da combinação, para atender a uma metáfora nas duas direções.

ao menos uma missa fosse celebrada para promover a alma de sua mãe do purgatório para o céu. Pobre rapaz: voltou desanimado, quando o vigário lhe disse: ‘Meu filho, uma missa de cruzado não vale nada’...

[...]

“Estas dúvidas estavam bombardeando a minha consciência, ...” (STEFANO DOS ANJOS, s/d, opúsculo, p. 3-4)

A este período a mente daquele jovem parecia encontrar-se em polvorosa com as várias situações adversas por que passava. Entre tantas, três coisas lhe atormentavam sobretudo: a pobreza, a inquietude a respeito do destino de sua alma, e, como pagar a passagem de sua mãe do purgatório para o céu. Segundo conta em *Um católico que foi salvo*, começou analisar os “ofícios” da Igreja Católica na intenção de encontrar uma saída mas só encontrava contradições e empecilhos. Como era católico fervoroso, só lhe restava esperar o seu dia de pelo menos ter um lugar no purgatório, que já era melhor que o inferno. Ele estava pronto e era presa fácil, portanto, para a empresa de uma moça “crente” que na ocasião provocou um diálogo sobre o Evangelho em que ela se saiu melhor que ele. Passou a refletir no que a moça falou e começou ler a Bíblia para tirar aquelas questões a limpo. As conclusões às quais ele chegou, após dias de investigação conflituosa, o levaram à conversão.

Conforme Lyndon SANTOS (2004.a, pág. 191):

A noção de conversão religiosa nas ciências sociais recebe o sentido de ser uma mudança de campo simbólico e religioso operacionalizada por um indivíduo ou por um grupo de pessoas. A conversão afeta a vida em sociedade como resposta ou ressonância de conjunturas favoráveis a estas transposições e migrações dentro do campo religioso.

O jovem Estêvam se converteu ao pentecostalismo com vinte e um anos de idade no dia 9 de abril de 1944 ao assistir um culto na cidade de Magalhães de Almeida, Piauí. Segundo o quadro memorial³ de sua biografia feito pela família, o jovem Estêvam recebeu o “batismo com o Espírito Santo” no dia 6 de julho do mesmo ano em que se converteu. No primeiro dia de outubro desse mesmo ano foi batizado por imersão em águas. Esse ano de 1944 representou uma revolução na vida daquele jovem que em tão pouco tempo já havia avançado estágios importantes na vida de um pentecostal, solidificando de modo intenso no seu íntimo as convicções dessa nova fé e abraçando vigorosamente as causas do movimento.

Trabalhou nos próximos dois anos como evangelista espalhando a mensagem pentecostal e fazendo novos prosélitos pelos sertões do Piauí. Jovem e solteiro, destacou-se de tal modo nessa tarefa que, por isso ficou conhecido por onde passava como “o Estêvam do chapéu”. Segundo relatos, ele, ao lembrar desses momentos diz que sua única moradia, nessa época, era o seu largo chapéu de palha, proteção contra o sol quente do dia e o orvalho da

³ Existe um compartimento na residência da viúva Gizeuda de Souza onde está montado pela família do pastor Estêvam um memorial com todos os objetos que marcaram a sua história: livros, revistas, jornais, gravações, manuscritos, agendas, fotografias, medalhas, troféus, e muitos outros objetos que eram de uso pessoal estão nesse memorial. E, em uma parede encontra-se um quadro grande, com um texto biográfico escrito pela família.

noite nas entranças das matas sertanejas que davam acesso às vilas e casas. Recebeu esse título de evangelista em 11 de novembro de 1946, dois anos e sete meses após sua conversão. Em 27 de julho de 1947 a igreja o consagrou ao Santo Ministério. Foi ordenado pastor cinco anos depois, em 7 de setembro de 1952.

O foco de seus empreendimentos evangelísticos eram as cidades piauienses de Esperantina e Luzilândia, região em que permaneceu atuante por sete anos e alguns meses, época em que casou-se com a jovem Joaquina Maria Batista de Souza de cujo matrimônio nasceram seus três primeiros filhos, Samuel, Loide e Eunice, ficando depois viúvo. Joaquina fora a primeira pessoa a se converter pelas pregações de Estêvam, no que depois casaram. Em 21 de novembro de 1953 casou-se novamente com a jovem Gizeuda Lima de Souza com quem teve mais seis filhos, José, Lenir, Ester, Benjamin, Ezequias e Alvanira. Foi nesse ano que o casal mudou para São Luís a convite do pastor Alcebíades.

Com a morte de Alcebíades a igreja declara Estêvam como seu substituto dando-lhe a posse em 16 de dezembro de 1957. Chegou a São Luís achando apenas 3 congregações: a Assembléia de Deus da Rua do Passeio, a Assembléia de Deus do bairro João Paulo e a Assembléia de Deus do bairro Anil. Após sua morte em 14 de fevereiro de 1996 com 73 anos, deixou 167 congregações e mais de 23 mil membros e centenas de congregados. Fundou a Sociedade Filantrópica Evangélica do Maranhão. Foi presidente do Diretório Regional da Sociedade Bíblica do Brasil. Criou em 1988 a Fundação Cultural Pr. José Romão de Souza para manter o Colégio Bueno Aza, e em 1990 a Rádio FM Esperança onde pregava deixando mais de mil mensagens gravadas.

Estêvam alcançou projeção nacional e chegou a participar de eventos internacionais pela igreja. Foi à Conferência Mundial Pentecostal em Londres, Inglaterra, em 1976 e em Jerusalém, Israel, em 1995. Visitou vários países da Europa e da Ásia e também os EUA. Segundo relatos, Estêvam era incansável no seu trabalho pastoral de comando da Assembléia de Deus em São Luís. Num relato autobiográfico ele diz:

Iniciei as atividades ministeriais em 1946, com 24 anos de idade e de lá saí para São Luís com 31 anos, em pleno vigor juvenil. Podia pregar cinco vezes aos domingos ou 4 horas em estudos bíblicos. Creio que a divina saúde me tem preservado a resistência. Hoje, com setenta e dois anos, sinto-me bastante forte para os muitos trabalhos que Deus tem posto sob a minha responsabilidade nesta fase da vida. Entretanto, de duas coisas estou certo. O que fazia naqueles anos no Piauí, não poderia fazer hoje, e, o que pela graça de Deus, faço hoje, em São Luís, no Maranhão e no Brasil, não faria naquele tempo.

Como jovem podia viajar a pé, desde a madrugada até a tardinha e ainda pregar, às vezes, dois sermões no mesmo culto. Acontecia, ao dizer o amém, chegarem algumas pessoas que pela primeira vez estavam vindo para ouvir a Palavra de Deus. Não podia “despedi-las vazias”. Pregava outra vez e entregava-lhes a mensagem de Deus.

Nos meus quarenta anos em São Luís, as atividades ministeriais, tanto mudaram como se multiplicaram, requerendo cada uma delas, nova maneira de servir.

(Em “Os rastros de um servo”, texto ainda não publicado, escrito pelo pastor por volta de 1992 e concluído em 1994).

3. Reelaborações do simbólico: o sentido do *servir*.

A palavra *servir*, usada pelo pastor na citação acima, carrega um sentido específico ideológica e funcionalmente construído na linguagem das lideranças pentecostais assembleianas. A palavra abandona o sentido hierárquico do período medieval que colocava o *servo* em posição hierarquicamente desfavorável. O sentido moderno que a usa para designar sobrecarga de *serviços*, sendo estes entendidos como tarefas que vão de indignas àquelas menos prestigiosas, concedeu ao modelo pentecostal atual apenas o sentido quantitativo – acúmulo acentuado de tarefas eclesiais e deveres religiosos; o valorativo, muda (o sentido que distingue hierarquicamente as funções por maior ou menor importância).

Servir, pois tudo o que fazemos para Deus e Sua Igreja, só tem aceitação se o fazemos na categoria de servos. Por isto vigio-me diariamente para não abandonar a posição de servo. Para mim, nenhum serviço da igreja é pesado demais, nem humilhante.

(Em “Os rastros de um servo”, texto ainda não publicado, escrito pelo pastor por volta de 1992 e concluído em 1994).

Na linguagem pentecostal a palavra *servir* assumiu o sentido de executar tarefas eclesiais e mobilizar-se para cumprir deveres religiosos considerados pela comunidade como necessários para a salvação da alma e da “aprovação de Deus”. Todo trabalho ou tarefas necessárias executadas pelos fiéis objetivando a realização da “obra” são valorizadas. Contribuir para “o grande projeto de Deus para a humanidade” significaria *servir*. Todos são convidados a *servir*. O pastor Estêvam funda, para a configuração do pentecostalismo assembleiano maranhense, de um ponto de vista filológico e da representação à qual se encerra, a *era do servir*. Visto saber-se que a elaboração dos sentidos na linguagem, numa dada cultura obedece a fatores históricos aí concorrentes faz-se necessário entender os efeitos e a aplicação ideológica desse artifício na composição do poder religioso. De acordo com esse princípio não há hierarquia entre os vários serviços religiosos: entre cargos, funções ou papéis. Apesar do princípio, na prática as hierarquias aparecem. Tanto as funções inferiores quanto as superiores, segundo o princípio, teriam o mesmo valor. Neste caso o princípio mostra uma função ideológica porque, geralmente, na prática, serve mais, quem exerce os papéis de maior responsabilidade.

Fora dos círculos religiosos do pentecostalismo (seu *ethos*) seria incompreensível o entendimento desse princípio do *servir* aplicado ao exemplo do pastor Estêvam. A centralização burocrática e administrativa que esse pastor conseguiu reter em suas mãos é resultado de uma construção representacional de uma imagem pessoal baseada em uma relação paternalista respaldada nos atributos sagrados evocados por ele. O princípio do *servir*

exerce uma função dentro do modelo administrativo assembleiano. É geralmente evocado pelas lideranças para dinamizar papéis e estabelecer relações de poder.

O pastor Estêvam realizava (decidia) praticamente sozinho todas as atividades administrativas e burocráticas da igreja e das instituições a ela pertencentes. Presidia, tomava decisões, delegava tarefas e assumia todas as tarefas que exigissem confiança e responsabilidade. Não lhe bastava ser o presidente da igreja e do campo, era também da Convenção, da Sociedade Filantrópica que mantinha o Colégio Evangélico, como ele mesmo afirmou, “arcando com a responsabilidade total da administração da mesma, com todo trabalho burocrático, inclusive escrituração contábil, por alguns anos, e encargos sociais do preenchimento das guias de recolhimento aos pagamentos dos bancos”.

O pastor Estêvam chegou a assumir por mais de três décadas os cargos de secretário, datilógrafo e motorista dessas mesmas instituições às quais comandava. “Batia máquina, às vezes, até à meia-noite”, diz ele, e atendia todas as correspondências das instituições da igreja. Ele trabalhava muito, segundo relata, para atender aos “muitos desafios” e “tantos trabalhos” que apareciam. Com tantos cargos e responsabilidades ainda lhe sobrava tempo para escrever livros, artigos e comentários para a Revista da Escola Dominical. E ainda o tempo que dedicava a demoradas orações. A sua viúva, Gizeuda Souza, relata que “às vezes, ele passava horas e horas num canto da casa, atrás de uns jarros de plantas, orando, chorando, o tempo todo de joelhos, que era pra Deus lhe dar o discernimento certo pra conduzir o trabalho...”.

Mesmo com todo esse acúmulo de cargos, o fato é que o pastor sempre contou com a ajuda de alguns fiéis próximos à sua confiança, como é o caso do irmão Clemente, seu fiel tesoureiro, por vários anos, conforme este mesmo relata. E, principalmente, auxiliado por sua esposa Gizeuda e seus filhos, como no caso de sua filha Alvanira que trabalhou por vários anos nos serviços da Secretaria da igreja.

4. Os templos, os feitos, marcas do novo *status* do “crente” maranhense.

Apesar de centralizador, Estêvam era um verdadeiro homem de projetos e realizações. A memória mítica do pastor Estêvam está diretamente ligada a dois grandes feitos desse pastor conseguidos em tempos e situações impensadas: O primeiro, foi a construção de inúmeros templos da Assembléia de Deus, aqueles pequenos salões de fachada em azul e branco, que se fizeram presentes em todos os bairros e lugares de São Luís que, em cujas construções esse pastor liderava pessoalmente os mutirões, e participava ao mesmo tempo como operário, causando admiração nos presentes que o viam como exemplo de humildade e cooperação. Admiravam-no também diversos políticos tradicionais locais e representantes de diversos setores sociais, inclusive o bispo católico. Rapidamente e com pouco custo um novo

templo se erguia em algum terreno baldio de algum bairro, vila ou invasão. E os fiéis multiplicavam-se rapidamente.

O segundo feito foi a construção da Rádio FM Esperança em maio de 1988. A Rádio, como o próprio Estêvam escreveu nasceu de um sonho seu de vê-la “cobrindo a cidade de São Luís e arredores com a palavra de Deus”. É claro que esse projeto objetivava propagar a fé pentecostal ao modo de divulgação contemporâneo caracterizado pela massificação. Esse período ainda é marcado, em grande parte do país, pelo rádio como veículo de comunicação mais importante por ser mais abrangente e acessível. A Rádio FM Esperança colocaria a fé pentecostal, e em específico a Assembléia de Deus em uma nova era dentro da sociedade maranhense. A divulgação em massa do signo pentecostal assembleiano reclama um novo tratamento sociocultural para seus sujeitos. Põe em evidência a demarcação de um lugar comum, e da co-elaboração por interferência de novos valores não só culturais mas em todos os aspectos da vida humana, fundamentados por vias da religiosidade.

O pastor Estêvam, durante vários anos, fez parte do Diretório Regional da Sociedade Bíblica do Brasil chegando a exercer a presidência. Conseguiu projetar-se nacionalmente chegando a compor comissões na Convenção nacional e a ministrar cursos na EETAD (Escola de Educação Teológica das Assembléias de Deus). Por muito tempo foi conselheiro da CPAD (Casa Publicadora das Assembléias de Deus), acumulando tarefas de escritor, articulista e comentador das Lições Bíblicas da Escola Dominical.

Sempre era convidado a pregar em eventos e conferências importantes por todo o país e a dar aulas em faculdades teológicas pentecostais em vários estados. Não se negava em participar e pregar em eventos organizados por outras igrejas. O conhecimento que tinha era fruto do seu próprio esforço autodidata. Pela necessidade dos postos que alcançou, tornou-se fluente e tradutor da língua inglesa em pouco tempo. Dos livros que escreveu, 11 foram publicados, e dois não. Desses dois, um, “Os macacos evoluídos” é um texto inacabado, e o outro, “Os rastros de um servo” é uma espécie de autobiografia do autor. Este último está nos projetos da família para ser publicado em breve, conforme nos afirma Samuel Souza, o filho mais velho do pastor, que é juiz estadual no Estado do Maranhão.

Inacabado, por causa da morte do pastor, ficou o Centro de Convenções da Assembléia de Deus em São Luís, último grande empreendimento desse pastor. À época, segundo contam os crentes, a igreja não estava muito confiante na realização dessa obra pois lhes parecia um projeto inalcançável. Mas a mobilização provocada pelo pastor Estêvam fez com que em poucos dias o esqueleto do prédio surgisse. O local escolhido foi um grande terreno no início da Rua do Arame, no Bairro Vinhais, próximo ao Cemitério Parque da

Saudade. O pastor Rayfran Batista da Assembléia de Deus do bairro Cidade Operaria conta que em poucos dias

Ele [Estêvam] e cerca de 10 mil crentes arregaçaram as mangas e trabalhando como verdadeiros operários, realizaram quatro mutirões, o que causou admiração e contentamento não somente entre a comunidade evangélica, como a população local. (SILVA, 2001, p. 91)

As cenas dos mutirões causaram impacto nas pessoas daquela área. Aquelas cenas despertaram espanto para as pessoas daquele bairro. Para um bairro considerado de classe media, a igreja teria a oportunidade de demonstrar força de mobilização. Algo de significativo aconteceu aí. Pelo menos, o conceito de *crente* é ressignificado. Há um ideal defendido no movimento pentecostal, em que pouco se fala, mas que é utilizado em momentos de mobilização e em situações em que a igreja precise negociar espaços de influência social. Trata-se do ideal da *evangelização* como projeto de curto prazo para reforma social. É mais uma *força-dever*, uma elaboração abstrata própria do signo da evangelização que justifica a mobilização coletiva dos membros para a realização de diversas tarefas, muitas, às vezes espetaculares e inacreditáveis.

Uma análise da utilização prática desse ideal mostra ainda uma configuração muito embaraçosa. É inteligível que um tipo de *libertação e regeneração espiritual* contribua para algum projeto de reforma social, porém, a definição precisa, como também a relação estabelecida entre uma coisa e a outra ainda é confusa. Os atos do pastor Estêvam bem como esse momento característico vivido pelos pentecostais são um prato cheio para a análise dessa relação, visto ser aí a fase de maior visibilidade social do pentecostalismo no Maranhão. Um mecanismo psicológico também concorreu para o desenrolar histórico em busca da visibilidade social dos pentecostais. Enquanto comunidade religiosa “pequena”, sentem-se ou sentiram-se por muito tempo vítimas de discriminação social. Um sentimento de desprezo e perseguição os movia em direção a atos extremos de engrandecimento, crescimento e reconhecimento. Relatam sua história como num percurso cheio de obstáculos intransponíveis onde tudo e todos, o ‘mundo’ em geral se volta contra a comunidade, que sobrevive, para mostrar que é o “povo escolhido” em analogia aos hebreus da narrativa do Antigo Testamento.

Ele [Estêvam] trilhou praticamente dois terços de sua história enfrentando áduos desafios. As frentes opositoras surgiam principalmente dos que tinham a Assembléia de Deus como mera concorrente e seita herética. Havia algo de inquisitório. Era freqüente o apedrejamento de templos, o corte da luz que alimentava o som dos cultos ao ar livre, a discriminação social. Quantas vezes crentes eram presos; quantas vezes os crentes tiveram seus projetos de aquisição de terreno para construção de templos boicotados, fosse junto a autoridades públicas ou a particulares. A pressão era tanta que negócios já concluídos eram desfeitos. Era comum no interior do Estado do Maranhão a oposição consorciada de autoridades religiosas, juízes e delegados. Mas onde quer que fosse aberta uma nova frente de batalha, lá também se encontrava o pastor Estêvam. (SILVA, 2001, p. 92)

5. Guajajaras e Canelas: o proselitismo entre os nativos.

Com esse pastor a igreja empenhou-se pela primeira vez numa evangelização sistematizada dos índios Guajajaras e Canelas começando pelo município de Barra do Corda no centro sul do Maranhão. Estêvam deixou apenas um pequeno templo construído entre os índios Guajajaras. Em 2001 a igreja já contabilizava cerca de 600 indígenas batizados em águas. Hoje, já existem 4 templos da AD (Assembléia de Deus) nas imediações da tribo.

A Revista Seara de novembro de 1998 publicou uma matéria em que a viúva do pastor Estêvam, Gizeuda Lima de Souza aparece em missões entre esses índios, inaugurando pequenos templos da AD e distribuindo bíblias entre os indígenas. Antes desinteressada, mas após a morte de Estêvam, Gizeuda assumiu o papel de dar continuidade à evangelização das tribos Guajajara e Canelas. Segundo a Revista Seara, passou a fazer parte da rotina de Gizeuda “distribuir, quase que mensalmente, remédios, alimentos, roupas e, ainda, material para a construção de casas de oração em várias aldeias” (SEARA, nov., 1998, p. 36) participando pessoalmente das inaugurações. Em maio de 1998 Gizeuda já inaugurava seu segundo templo da AD, na aldeia do Baixão do Peixe, tribo Guajajara em Barra do Corda. Essa atitude da viúva Gizeuda foi motivada pelo fato de que a evangelização dos indígenas era uma das prioridades nos empreendimentos do pastor Estêvam.

Pastor Estêvam tinha um amor especial por missões entre as selvas indígenas – até costumava dizer que, quando estava na aldeia, se sentia mais crente. Não foi por acaso que tomou o jovem Edilson, da aldeia Guajajara, e resolveu educá-lo para obra missionária entre os próprios nativos. (REVISTA SEARA, novembro 1998, p. 35)

Conforme visto aí, a estratégia do pastor foi preparar um indivíduo da própria aldeia para agir como missionário. Tem-se o fenômeno da aculturação aí presente que se afigura em novas formas, já em um momento específico, mas que, num processo contínuo remonta à colonização brasileira. Por causa da especialidade não entraremos aqui no mérito antropológico da análise. Por hora, ficamos apenas com a exposição do fato enquanto elemento crucial para a dinâmica cultural em que o nosso objeto de estudo se encontra envolvido diretamente. Desse modo, torna-se um fato histórico a incursão missionária dos pentecostais junto às tribos Guajajaras e Canelas no Maranhão, orquestrada pelo pastor Estêvam, em pleno final do século XX.

6. Morte consagradora: ‘providência divina’ ou o fim de um projeto?

A morte do pastor Estêvam em 14 de fevereiro de 1996 marca o fim de uma era áurea, principalmente de crescimento institucional, da Assembléia de Deus em São Luís e no Maranhão. Estêvam viajava de São Luís para Bacabal quando nas proximidades do povoado Rancho do Papouco, a dez quilômetros de Bacabal, a caminhoneta F-100 em que estava

colidiu em alta velocidade com um ônibus da empresa Timbira. O acidente fatal e o cortejo fúnebre tiveram repercussão nacional na AD e em todos os meios de comunicação do Estado. O velório teve a cobertura das principais emissoras de TV do Estado. Segundo os jornais informaram, nesse dia, cerca de 12 mil pessoas acompanharam o carro do Corpo de Bombeiros que deram a volta pelo centro da cidade até o Cemitério do Gavião. No enterro estava presente a Banda da Polícia Militar do Estado.

... praticamente parou o centro da cidade. As integrantes do Círculo de Oração, vestidas de branco, formaram um corredor humano na rua do templo, enquanto a multidão jogava flores e papel picado sobre o caixão, numa última homenagem ao estimado e querido líder. (SILVA, 2001, p. 103)

O pastor Estêvam mantinha relações amistosas com personalidades políticas e religiosas do Estado do Maranhão. Segundo os relatos, esse pastor tivera diversos encontros informais e formais com o político José Sarney e se relacionava bem com o então arcebispo católico do Estado Dom Paulo Ponte. Os jornais, no dia do enterro, entrevistaram o arcebispo que teria dito: “O pastor Estêvam foi a maior liderança espiritual do Maranhão neste século (XX)”. Na edição especial do jornal Mensageiro da Paz, março de 1996, o Diretor Executivo da CPAD ao falar da morte do pastor Estêvam diz que “suas obras extrapolaram o Maranhão e ressoaram por todo o Brasil. Até mesmo o bispo católico daquele Estado reconheceu no pastor Estêvam Ângelo de Souza as qualidades de maior líder espiritual em terras maranhenses”.

Em meio a pronunciamentos elogiosos e anúncios nos meios de comunicação religiosos e seculares, e, em meio à transmissões orais das memórias dos antigos crentes que presenciaram as suas atitudes, o pastor Estêvam é transformado em herói, não só pelos pentecostais mas também pela comunidade evangélica em geral. A importância dessa história não está somente no modo como o movimento pentecostal construiu um mito alimentador do *signo pentecostal*, um herói ideal, mas também pelo fato de que o fenômeno teve ressonância na sociedade maranhense em geral e, em especial, recebido de modo positivo pelas igrejas protestantes de ramo mais antigos. O pronunciamento do arcebispo é visto apenas como uma atitude simbólica com vistas a uma convivência pacífica pois considera apenas os aspectos “cristãos” nos atos de Estêvam, dentro da concepção do catolicismo local.

Referências bibliográficas

CONDE, Emílio. História das Assembléias de Deus no Brasil. 2. ed., Rio de Janeiro: CPAD, 2000.

REVISTA SEARA. Rio de Janeiro: CPAD, novembro, 1998.

SANTOS, Lyndon de Araújo. As outras faces do sagrado: Protestantismo e cultura na Primeira República Brasileira. São Paulo: tese, Unesp/Assis, 2004.a.

_____. Entre a Terra e o Paraíso: representações do protestantismo no Maranhão (1870/1930). In: COSTA, Wagner Cabral da (Org.). *História do Maranhão: Novos Estudos*. São Luís: Edufma, 2004.b. 299 p.

_____. Protestantismo e pentecostalismo no Maranhão – Séculos XIX-XX. In: SIEPIERSKI, Paulo D. & GIL, Benedito M. (Orgs.). *Religião no Brasil: enfoques, dinâmicas e abordagens*. Coleção Estudos da ABHR, São Paulo: Paulinas, 2003.

SILVA, Pekelman Halo Pereira. As primeiras décadas do pentecostalismo assembleiano em São Luís (1921 a 1957). UFMA, monog., São Luís: 2006.

SILVA, Rayfran Batista da. História da Assembléia de Deus no Maranhão: Assembléia de Deus em São Luís 80 anos de pentecostes e evangelização. São Luís: Edgraf, 2001.